

A ARQUIDIOCESE DE FORTALEZA CONGREGA TODO O POVO DE DEUS

ANO NACIONAL DO LAICATO - 2018

Pe. Francisco Ivan de Souza

INTRODUÇÃO

A Igreja, no seu dinamismo e como peregrina, está sempre buscando a melhor maneira de viver a experiência do compartilhar, da “pertença”, do caminhar comunitariamente na ação evangelizadora da realização do reino de Deus. Jesus de Nazaré é o centro, o caminho na reconstrução de novos paradigmas, na fidelidade à Palavra, para que possamos, assim, dar resposta à santidade. Como Igreja, formamos um só corpo que é o corpo do Senhor (Rm 12,5). Jesus Cristo chama todos nós para sermos seus discípulos. Formamos assim, pelo santo batismo, o povo de Deus.

O Povo de Deus que está na Arquidiocese de Fortaleza é convocado, como fez Jesus (cf Mc 3, 13-14): subiu a um monte e *convocou* os que ele quis, a eles se dirigiu. Formou então um grupo de doze, a quem deu o nome de apóstolos, aqueles que o acompanhariam e que ele enviaria para pregar, levando a Boa Nova.

Hoje também, o Arcebispo Dom José Antonio Aparecido Tosi Marques, *convoca* toda a Igreja de Fortaleza a participar do Simpósio Arquidiocesano no Ano Nacional do Laicato. São convidados, sobretudo, os que participam dos conselhos pastorais e econômicos, das áreas pastorais, das paróquias e das regiões episcopais, conselho de leigos, coordenações arquidiocesanas das diversas pastorais da Arquidiocese e as entidades que constituem FAMEC, entre outros.

CONCEITO E HISTORICIDADE DOS SIMPÓSIOS

Conceituando simpósio, podemos dizer que é uma palavra de origem grega *Sympósiōn*, ou 'banquete, festim'. Na língua latina, simpósio ou *symposium*, ou seja, encontro de pessoas para reflexão de um determinado tema. Definindo o termo Igreja, é uma palavra latina *ecclesia*, que pode ser um templo cristão ou local da pregação dos ensinamentos de Cristo, comunidade que obedece aos princípios da ética cristã. Igreja é o conjunto de fiéis unidos pela mesma fé e que celebram as mesmas doutrinas religiosas.

Para entender este momento histórico na Arquidiocese de Fortaleza, voltamos um pouco no tempo, ressaltando que no triênio do seu centenário, celebrado em 2015, foram realizados três grandes Simpósios com os temas Fé, Esperança e Caridade.

Fé (2013); “Pela fé Abraão, quando Deus o pôs à prova, ofereceu Isaque como sacrifício. Aquele que havia recebido as promessas estava a ponto de sacrificar o seu único filho”. (Hb 11, 17). **Esperança (2014)** “A virtude da esperança corresponde ao desejo de felicidade que Deus colocou no coração de todo homem; assume as esperanças que inspiram as atividades dos homens, purifica-as e ordena-as para o Reino dos céus; protege contra o desânimo; sustenta no abatimento; dilata o coração na expectativa da bem-aventurança eterna. O ânimo que a esperança dá preserva-o do egoísmo e o conduz à felicidade da caridade. (CIC 1818). Concluindo as virtudes teológicas, tivemos o Simpósio sobre a **Caridade (2015)**. A caridade na Igreja é a manifestação do amor divino trinitário. Diz Santo Agostinho “Se vês a caridade, vês a Trindade.

As virtudes teológicas foram celebradas objetivando despertar e vivenciar a Fé, a Esperança e a Caridade através da Palavra de Deus, sustentáculo de nossa Igreja, como Pão que alimenta o Plano de Pastoral Arquidiocesano que está ancorado nas cinco urgências: Igreja em estado permanente de missão; Igreja, casa de iniciação à vida cristã; Igreja - Lugar de animação bíblica da vida e da pastoral; Igreja - comunidade de comunidades; Igreja a serviço da vida plena para todos.

No prosseguimento de seu Plano Pastoral, a Arquidiocese de Fortaleza realizou, em **2016**, o Simpósio Arquidiocesano da Misericórdia, vivenciando o *Ano Santo Extraordinário da Misericórdia*: “Louvai o Senhor, porque ele é bom, porque sua misericórdia é eterna” (Sl 135,1). O ano de 2017 foi declarado, pela CNBB, como o Ano Mariano, comemorando os 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida, Rainha e Padroeira do Brasil, e os 100 anos das aparições de Nossa Senhora em Fátima, Portugal. Foi realizado, em 2017, o Simpósio Arquidiocesano Mariano com o tema: “Maria Caminha conosco no caminho que é Jesus”.

Neste ano de 2018, o laicato será a nossa reflexão. Porque cada vez mais a Igreja volta o seu olhar para o leigo, aquele que é batizado e tem a missão, como sinal da presença profética da Igreja, de “Ser Sal da Terra e Luz do Mundo” (Mt 5,13-14). Assim, será realizado o Simpósio Arquidiocesano no Ano Nacional do Laicato, nos dias 22 e 23 de setembro de 2018.

Qual é a origem da palavra leigo? “Leigo” é um termo que deriva do Latim "laicus" cuja origem vem do Grego "laikós". No Catolicismo, os leigos ou fiéis são aqueles que não são ordenados, isto é, que não receberam o sacramento da Ordem. Os leigos compõem a maior parte da Igreja e têm a missão de testemunhar e difundir o Evangelho.

O PAPEL DO LEIGO NA MISSÃO DA IGREJA

O Catecismo da Igreja Católica (CIC) diz que todo leigo, em virtude dos dons que lhe foram conferidos, é, ao mesmo tempo, testemunha e instrumento vivo da própria missão da Igreja pela medida do dom de Cristo (Ef 4,7) (CIC§913). Igreja, aqui, é o Papa, Bispos, padres, diáconos e fiéis; isto é, todos nós que recebemos o santo batismo e que temos o papel de anunciar o evangelho e fazer chegar o amor de Deus a todos os corações. Somos chamados à corresponsabilidade na ação administrativa, moral e pastoral da Igreja, levando em conta que o apostolado leigo tem um grande alcance na comunidade paroquial, nas famílias, na juventude e no meio social, entre outros.

É missão do leigo buscar o reino de Deus e a sua justiça, ocupando-se com as coisas temporais e ordenando-as de acordo com a vontade de Deus. Por isso, o papel dos leigos na Igreja está presente desde a criação (Gn 2,15): O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para o cultivar e guardar. E disse mais: sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a (Gn 1,27-28).

Podemos dizer que o leigo, além da missão de ser enviado e representante de Deus, é colaborador do plano da criação. Portanto o leigo deve cultivar e governar a terra para o bem de todos na construção de um mundo melhor. O Concílio Vaticano II procurou definir melhor o papel do leigo, retomando princípios, sublinhando a universalidade da chamada ao apostolado que constitui não só uma possibilidade entre outras, mas um autêntico dever em vários documentos. Um deles fala especialmente sobre o apostolado dos leigos - é o documento *Apostolicam Actuositatem*. Esse documento destaca que, a partir do batismo, nós fazemos parte do Corpo Místico de Cristo. E ainda, no dia da nossa crisma somos fortalecidos com a fortaleza do Espírito Santo. Todavia tanto o sacerdócio comum dos fiéis quanto o sacerdócio ministerial, apesar de essencialmente distintos, ambos participam, ao seu modo, do único sacerdócio do Cristo (Cf. LG 10). Assim, somos convocados a apresentar o amor de Deus a toda criatura. A missão do leigo na Igreja é ser testemunha de Jesus Cristo dentro e fora da Igreja - uma missão intransferível.

Neste sentido, sem exceção, todos os batizados participam da função profética de Cristo, formando um reino de sacerdotes para Deus (LG 11) e difundindo o seu testemunho vivo; sobretudo por uma vida de fé e de caridade, através de graças especiais e carismas, dados pelo Espírito, que os tornam aptos e dispostos aos diversos serviços e ofícios para a renovação e a edificação da Igreja (Cf. LG 12).

Nas pisadas do Concílio Vaticano II, o papa João Paulo II (hoje, São João Paulo II) propôs, desde o início do seu serviço pastoral, exaltar a dignidade sacerdotal, profética e real de todo o Povo de Deus, afirmando: “Aquele que nasceu da Virgem Maria, o Filho do carpinteiro - como o julgavam - o Filho do Deus vivo, como confessou Pedro, veio para fazer de todos nós um reino de sacerdotes”.

O Concílio Vaticano II recordou-nos o mistério deste poder e o fato de que a missão de Cristo - Sacerdote, Profeta-Mestre, Rei - continua na Igreja. “Todo o Povo de Deus participa nesta tríplice missão.” (Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici*, de sua santidade o papa João Paulo II, sobre vocação e missão dos leigos na igreja e no mundo, 14).

Na dimensão da “pertença”, São Paulo nos lembra: “Vós sois o Corpo de Cristo, e cada um de vós é um dos seus membros” (1Cor 12,27). O cristão leigo é verdadeiro sujeito eclesial, mediante sua dignidade de batizado, vivendo fielmente sua condição de filho de Deus na fé, aberto ao diálogo, à colaboração e à corresponsabilidade com os pastores (Doc CNBB, 105).

O “sujeito eclesial” (DAp 497) se define pela consciência de ser Igreja e não somente de pertencer à Igreja. A missão do leigo é ampla: muitas pastorais, movimentos, grupos. São muitos os engajados - milhares

de pessoas envolvidas na ação evangelizadora. Na Arquidiocese de Fortaleza, são mais de dezoito mil catequistas. Manter uma ação evangelizadora, um apostolado, sem os leigos não é possível (CIC § 900).

Muitos dedicam o seu apostolado nas ações de formação para outros leigos, nas ações de solidariedade, nas instituições de saúde, com aqueles que ainda estão no ventre materno, nos conselhos da comunidade, com crianças, jovens, idosos, nas casas de detenção, casa de usuários de entorpecentes ou de álcool. Lembremos aqui o grande número de voluntários nas ações sociais: psicólogos, advogados, cabeleireiros, manicures, técnicos em saúde, enfermeiros, educadores físicos e pedagogos, entre outros.

PAPEL DO LEIGO NA SOCIEDADE

O leigo, como sujeito eclesial, vive inserido de modo direto na construção da vida social, na sua complexidade. Vive na busca de um mundo novo, que se constrói pela fraternidade e na luta dos direitos humanos e superação da cultura da indiferença. O cristão, permanecendo Igreja, constrói cidadania no mundo, ou seja, assume sua missão sem limites e fronteiras. A cidadania plena é um dos rostos da caridade em nosso tempo, em nosso país e em nossa América Latina e Caribe (cf. DAp 384 -385).

A ação do leigo no mundo, movida pelo Espírito, é uma ação que santifica a Igreja e o próprio mundo, na medida em que constrói, ainda que, muitas vezes, de forma quase imperceptível, o Reino de Deus, que é semelhante a um grão de mostarda (Mc 4, 30-32). Cristo, mediador único, estabelece e continuamente sustenta sobre a terra, como um todo visível, a Sua santa Igreja, comunidade de fé, esperança e amor, por meio da qual difunde em todos a verdade e a graça.

A área específica do leigo é o apostolado no mundo secular, inserido nas realidades temporais: escola, indústria, economia, política, artes, música etc., participando, como cristão, das atividades do seu estado de vida e trabalho social (Christifideles laici,17).

O mundo é o campo de trabalho do leigo. Por outro lado, o Concílio Vaticano II ensinou que o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, embora se diferenciem essencialmente e não apenas por grau, ordenam-se mutuamente; pois um e outro participam, cada um a seu modo, do único sacerdócio de Cristo (LG,10).

A Encíclica *Lumen Gentium* ressalta: “O leigo é chamado por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, guiado pelo espírito evangélico, concorra para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifeste Cristo aos outros, antes de mais nada, pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade. Portanto a ele compete, especialmente, iluminar e ordenar de tal modo as realidades temporais a que está estreitamente ligado que elas sejam sempre feitas segundo Cristo e progridam e glorifiquem o Criador e Redentor. (LG 31).

Muitos leigos atuam nos sindicatos, nas associações de moradores, na política, nos conselhos estaduais, nas campanhas diversas como em defesa da vida, defesa da família, dos direitos trabalhistas, do direito à educação, à moradia, ao transporte, à terra, à segurança, à água e tantas outras ações em defesa na natureza, da ecologia, do ser humano, da vida.

BUSCA DA SANTIDADE A PARTIR DA GAUDETE ET EXSULTATE

A Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, do Papa Francisco, sobre o chamado à Santidade no mundo atual, apresentada no Vaticano no dia 9 de abril de 2018, inicia-se com “Alegrai-vos e Exultai” (Mt 5, 12). São quarenta e quatro páginas, com cinco capítulos, cento e setenta e sete parágrafos. Entretanto não é um tratado sobre a santidade, mas uma proposta de como viver a santidade diante de uma realidade onde surgem muitas interpelações e desafios à fé.

O primeiro capítulo é o chamado à santidade. No n. 11 a Exortação chama atenção para os modelos de santidade que lhe parecem inatingíveis. No segundo capítulo, vamos refletir sobre dois inimigos sutis da santidade: o gnosticismo atual e o pelagianismo atual. No terceiro capítulo, surge o texto das bem-aventuranças à luz do mestre. O quarto capítulo trata de algumas características da santidade do mundo atual. Por fim, no último capítulo, a vida é uma luta - uma vigilância e discernimento constante.

O Senhor quer-nos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa. O meu objetivo é humilde - diz o **Santo Padre no n. 2**: fazer ressoar mais uma vez o chamado à santi-

dade, procurando encarná-la no contexto atual, com os seus riscos, desafios e oportunidades, porque o Senhor escolheu cada um de nós “para sermos santos e íntegros diante dele, no amor” (Ef 1, 4).

Na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, o Papa Francisco indica as características "indispensáveis" para entender o estilo de vida da santidade: "perseverança, paciência e mansidão", "alegria e senso de humor", "audácia e fervor". O caminho da santidade vivido como caminho "em comunidade" e "em constante oração".

O apelo à santidade perpassa toda a história do cristianismo e chega até os nossos dias. E o Papa Francisco, ao tratar deste tema, nos faz perceber que estamos em uma cultura espiritualmente desnutrida e sequiosa de espiritualidade. A santidade é um assunto pertinente. É preciso purificá-la de tantas ambiguidades, equívocos e mal-entendidos para que a santidade seja entendida como um programa de vida, acontecendo no altar da vida, encarnada em pessoas de carne e osso, porque, como diz K. Rahner, a “santidade em abstrato não existe”. Na encíclica, o Papa Francisco fala de santidade acontecendo “ao pé da porta” (cf. n. 7).

Francisco expressa-se assim: “Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância de continuar a caminhar dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Esta é, muitas vezes, a santidade «ao pé da porta», daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus, ou – por outras palavras – da classe média da santidade” (n. 7).

Ele continua a reflexão: o que quero recordar com esta Exortação é, sobretudo, a chamada à santidade que o Senhor faz a cada um de nós, a chamada que dirige também a ti: «sede santos, porque Eu sou santo» (Lv 11, 45; cf. 1 Ped 1, 16). O Concílio Vaticano II salientou vigorosamente: «munidos de tantos e tão grandes meios de salvação, todos os fiéis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um por seu caminho». [10]. Cada santo é “uma mensagem que o Espírito Santo extrai da riqueza de Jesus Cristo e dá ao seu povo” (n.21).

Pertencendo à família divina e entendendo-nos como frutos do amor ilimitado da Trindade, nascidos do amor de Deus e predestinados ao amor, recebemos a missão de comunicar esse amor aos demais homens e mulheres pelo testemunho, através do próprio modo de viver, através do amor e da caridade. A santidade não é nada mais do que a “caridade plenamente vivida” (n. 21).

A santidade, portanto, não é uma qualidade física ou moral. É preciso enfatizar, antes de tudo, essa iniciativa de Deus para não sermos vítimas de duas falsificações da santidade que poderiam extraviar-nos: **o gnosticismo** e **o pelagianismo** (cf. nn. 35-62). Estes são erros antigos que, no entanto, representam perenes perigos de equívocos da fé, mesmo em contextos históricos diferentes.

Para compreender as duas falsificações que representam desvios em nossa fé, é importante situarmos como elas são definidas. O gnosticismo supõe uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos» (36)

O gnosticismo deu lugar a outra heresia antiga, que está presente também hoje. Com o passar do tempo, muitos começaram a reconhecer que não é o conhecimento que nos torna melhores ou santos, mas a vida que levamos. O problema é que isto foi sutilmente degenerando, de modo que o mesmo erro dos gnósticos foi simplesmente transformado, mas não superado (47).

Com efeito, o poder que os gnósticos atribuíam à inteligência, alguns começaram a atribuí-lo à vontade humana, ao esforço pessoal. Surgiram, assim, os pelagianos e os semipelagianos. Já não era a inteligência que ocupava o lugar do mistério e da graça, mas a vontade. Esquecia-se que «isto não depende daquele que quer nem daquele que se esforça por alcançá-lo, mas de Deus que é misericordioso» (Rm 9, 16) e que Ele «nos amou primeiro» (1 Jo 4, 19) (48).

O papa ressalta o que é ser santo nas bem-aventuranças que Jesus nos deixou (cf. Mt 5, 3-12; Lc 6, 20-23). Estas são como o bilhete de identidade do cristão. Assim, se um de nós se questionar sobre «como

fazer para chegar a ser um bom cristão», a resposta é simples: é necessário fazer – cada qual a seu modo – aquilo que Jesus disse no sermão das bem-aventuranças. [66].

Importante termos o olhar sobre a Santidade, como está na *Gaudete et Exsultate*. Santidade é avançar corajosamente na direção do futuro, do novo, do diferente: “suportam, com paciência e mansidão” (nn. 112-121), com “alegria e sentido de humor” (cf. nn. 122-128), com “ousadia e ardor” (cf. nn. 129-139), e em oração constante (cf. nn. 147-157).

Voltemos para os oito caminhos da santidade: “Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu; Felizes os mansos, porque possuirão a terra; Felizes os que choram, porque serão consolados; Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados; Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia; Felizes os puros de coração, porque verão a Deus; Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus; Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino do Céu”. As bem-aventuranças, segundo o Papa, são a carteira de identidade do cristão (63).

O Pontífice conclui a exortação apostólica expressando: “Espero que estas páginas sejam úteis para que toda a Igreja se dedique a promover o desejo da santidade. Peçamos ao Espírito Santo que infunda sobre nós um desejo intenso de sermos santos para a maior glória de Deus, e animemo-nos uns aos outros nesse propósito. Assim, compartilharemos uma felicidade que o mundo não poderá tirar-nos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia Sagrada – Ave Maria – Editora Ave Maria

Catecismo da Igreja Católica – Edição Típica Vaticana - Edições Loyola, São Paulo, 2000

Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a igreja - Roma, 21 de novembro de 1964 - de Papa Paulo VI

Constituição Apostólica *Actuositatem* - Roma, 21 de novembro de 1964 - de Papa Paulo VI

Documento da CNBB – 105 – Cristãos Leigos (Sal da Terra e Luz do Mundo) Edições CNBB - 14 de abril de 2016

Exortação Apostólica - pós-sinodal - *Christifideles Laici* de sua santidade o papa João Paulo II - sobre vocação e missão dos leigos na igreja e no mundo. Dado em Roma, junto de S. Pedro, em 30 de Dezembro, Festa da Sagrada Família de Jesus, Maria e José, do Ano de 1988, décimo primeiro do Pontificado de JOÃO PAULO II

Exortação Apostólica - *Gaudete et Exsultate* – Sobre o Chamado à Santidade no Mundo Atual - Santo Padre Francisco – 2ª Edição 2018